

PRESERVAÇÃO DE ARQUITETURA ECLÉTICA SACRA:

IGREJA MATRIZ DE SÃO JOÃO BATISTA,
EM BOCAINA-SP, BRASIL

MARIA HELENA GABRIEL, UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE
MESQUITA FILHO”, BAURU, SÃO PAULO, BRASIL

Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Estadual Paulista (Unesp).
E-mail: mh-gabriel@hotmail.com

VLADIMIR BENINCASA, UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE
MESQUITA FILHO”, BAURU, SÃO PAULO, BRASIL

Doutor em Arquitetura e Urbanismo pelo Instituto de Arquitetura e Urbanismo da
Universidade de São Paulo (IAU-USP), São Carlos. Professor no curso de Arquitetura e
Urbanismo da Universidade Estadual Paulista (Unesp), Campus de Bauru, São Paulo, Brasil.
E-mail: vlad1966@gmail.com

Apoio financeiro de pesquisa: Proc. FAPESP 2017/10237-9

DOI

<http://dx.doi.org/10.11606/issn.1980-4466.v14i28p108-136>

RECEBIDO

29/03/2019

APROVADO

11/11/2019

PRESERVAÇÃO DE ARQUITETURA ECLÉTICA SACRA: IGREJA MATRIZ DE SÃO JOÃO BATISTA, EM BOCAINA- SP, BRASIL

MARIA HELENA GABRIEL, VLADIMIR BENINCASA

RESUMO

No interior de São Paulo, o período compreendido entre meados do século XIX e do século XX expressa o avanço da cultura cafeeira. Cidades enriqueceram e muitas nasceram com essa empreitada envolvendo as fazendas de café, como é o caso da cidade de Bocaina, no centro do estado de São Paulo. A partir desse contexto, construiu-se toda uma paisagem que diagramou a cidade bocainense, seja em seu traçado, seja na arquitetura em seu centro de contexto histórico, em que prevalece a linguagem arquitetônica eclética, vigente à época. Inserida nesse cenário, Bocaina nasce de uma aglomeração de pessoas no entorno de uma capela, a futura Igreja Matriz da cidade, que depois de sucessivas reformas se tornou um dos mais expressivos símbolos da história e cultura local, tanto pela riqueza artística quanto social. Esses fatos justificam a importância de discutir a Igreja Matriz de Bocaina como um patrimônio histórico, na esfera do tombamento. Para isso, utilizou-se de revisão bibliográfica, visitas técnicas, levantamento métrico e fotográfico, análise de documentos e jornais, além de entrevistas com algumas pessoas ligadas a essa igreja.

PALAVRAS-CHAVE

Patrimônio arquitetônico. Arquitetura eclética. Igrejas católicas (arquitetura).

PRESERVATION OF ECLECTIC SACRED ARCHITECTURE: MOTHER CHURCH OF SÃO JOÃO BATISTA, BOCAINA- SP, BRAZIL

MARIA HELENA GABRIEL, VLADIMIR BENINCASA

ABSTRACT

The period between the mid-nineteenth and mid-twentieth centuries expresses the advance of coffee culture in the countryside of São Paulo. Cities grew rich and many were born from the venture involving coffee farms; Bocaina is one of these, located in the center of the state of São Paulo. From this context, a whole landscape that diagrammed Bocaina was constructed, either in its outline or in the architecture of its historic downtown area, where the eclectic architectural language prevailing at the time. Bocaina was born from an agglomeration of people around a chapel, the future Mother Church of the city that, after successive reforms, became one of the most expressive symbols of local history and culture, for both its artistic and social wealth. These facts justify the importance of discussing the Bocaina Mother Church as a historical heritage in the sphere of heritage preservation. We performed a bibliographic review, technical visits, metric and photographic survey, analysis of documents and newspapers, and interviews with some individuals linked to this church.

KEYWORDS

Architectural heritage. Eclectic architecture. Catholic churches (architecture).

1 INTRODUÇÃO

Este estudo delimita-se entre meados do século XIX e meados do século XX, período em que o ecletismo arquitetônico vigorou nas cidades cafeeiras do estado de São Paulo, num contexto marcado pela euforia do progresso e da importação de materiais e técnicas europeias. Segundo Lemos (1987, p. 73), a arquitetura eclética era “sinônimo de[sse] progresso e linguagem do poder econômico – era o capitalismo inaugurado com o café que chegava à cidade”, contrapondo-se ao neoclássico imperial. Reis Filho (2006, p. 180) a define como uma associação de “elementos construtivos e plásticos” de origens europeias diversas, fato corroborado por Fabris (1995, p. 74), que, no entanto, afirma essa associação estar baseada no “princípio da interpretação” e não numa mera “reprodução”.

Diversas críticas foram feitas por seguidores do modernismo a esse modo de construir e dar forma à arquitetura, considerado apenas como um modo de decorar fachadas (FABRIS, 1995, p. 76). Essa aversão é tão marcante que escritores de renome da época invocam fenômenos futuristas como um “ciclone inteligente” como solução para limpar as ruas da cidade das manifestações ecléticas (FABRIS, 1995, p. 78). As várias discussões que desprestigiaram essa linguagem arquitetônica aos olhos dos intelectuais brasileiros modernistas ainda permanecem (FABRIS, 1987), e mesmo havendo mudanças significativas nas últimas décadas, promovidas por

muitos estudos e análises imparciais em que o foco é o contexto histórico, a valorização dos exemplares arquitetônicos remanescentes, por vezes, é ainda relegada a um segundo plano no âmbito da questão patrimonial.

A cidade de Bocaina tem sua história ligada ao avanço cafeeiro pelo interior paulista e se beneficiou das consequências advindas do enriquecimento proporcionado por essa lavoura, como a importação de costumes e fazeres europeus, a atração de imigrantes, melhorias na infraestrutura urbana, a presença da ferrovia e a adesão ao ecletismo arquitetônico, que moldaram suas características ainda bastante presentes no contexto atual.

O edifício que melhor sintetiza os costumes dessa sociedade e a herança do ecletismo, no âmbito bocainense, é a Igreja Matriz de São João Batista, foco deste texto. Considerando sua expressividade e sua validade enquanto patrimônio histórico local, propõe-se uma contextualização da igreja e uma discussão sobre a importância de sua proteção contra possíveis futuras intervenções danosas que possam descaracterizá-la, apontando, para isso, as vantagens do instrumento legal do tombamento. É importante ressaltar que ao longo de sua história o bem citado tem sido preservado de maneira satisfatória pela comunidade, mas isso não impede que ações futuras possam subtrair partes que o tornam, hoje, portador de memórias e significados importantes à comunidade local¹.

Para efetuar esse estudo, os meios utilizados incluíram revisão bibliográfica, análise de documentos, notícias e das poucas fotografias disponíveis, entrevistas com memorialistas bocainenses, que possuem informações passíveis de serem cruzadas entre si e com os documentos, visitas técnicas a locais relacionados com o objeto de estudo e visita ao próprio local analisado para execução de levantamento métrico e fotográfico, além da possibilidade de vivenciá-lo de modo mais efetivo.

2 CIDADE E PAISAGEM

Com tradições muito arraigadas na sociedade brasileira, a Igreja Católica teve presença marcante no âmbito de formação urbana até a proclamação da

1. Importante, nesse sentido, ler o trabalho de Sonia Rabello (2009), *O Estado na preservação dos bens culturais: o tombamento*. Nele, a autora mostra de maneira elucidativa o alcance e as repercussões do instrumento legal do tombamento, seja em relação ao interesse do proprietário, seja em relação às necessidades e anseios das comunidades.

República através do padroado (PADROADO, 2006). O padroado foi uma instituição acordada entre a Santa Sé e a Coroa portuguesa, posteriormente assumido pelo Império brasileiro, que, resumidamente, concedia ao Estado o direito de indicar os novos bispos (confirmados e ordenados a seguir pelo Vaticano), recolher dízimos e criar as dioceses. Por outro lado, era dever do Estado difundir o catolicismo no território brasileiro, construir e manter igrejas e pagar o salário de sacerdotes. Ou seja, Estado e catolicismo se mesclavam, sendo muito próximos. Com a República, não só o padroado foi extinto, mas também o Estado se torna laico, não havendo, a partir de então, privilégios a nenhuma religião em território brasileiro.

Por causa disso, como afirma Ghirardello (2010, p. 73), no caso paulista foi comum o estabelecimento de população ao redor de uma capela, constituindo o núcleo inicial de uma cidade, principalmente no século XIX. Portanto, mais que a fé, a igreja representava um símbolo de *status* urbanístico, político e social, e mesmo estando, quase sempre, seu prédio localizado entre as principais ruas da cidade. Também era primordial que ao menos o principal templo de um aglomerado urbano se instalasse em local elevado e, se possível, com espaço livre no entorno (MARX, 1991, p. 22-23), o que contribuía, quase sempre, para destacá-lo na paisagem da cidade brasileira, tanto pela altura quanto pela amplitude visual permitida pelo espaço livre.

Apesar da separação formal entre Estado e Igreja, com o fim da instituição do padroado ao se implantar o regime republicano, e mesmo inseridas

[...] num ambiente de pluralismo religioso, as matrizes e catedrais, mais do que símbolos da Igreja Católica, [ainda] são símbolos das cidades das quais foram cofundadoras. Estão, muitas vezes, presentes para os cidadãos como imagens que sintetizam seus municípios. É possível perceber isto na pequena Bocaina ou em outras cidades maiores, como São Carlos e Araraquara (ROSADA, 20[10?], p. 8).

Esse breve panorama da influência da igreja na formação do traçado urbano das cidades do século XIX e sua instituição enquanto marco da paisagem permite situar a origem de nosso objeto de estudo, a Igreja Matriz de São João Batista (Figura 1).

FIGURA 1

Igreja Matriz de São João Batista, Bocaina–SP. Vladimir Benincasa, 2019.



Naquele contexto de avanço da cafeicultura pelo interior paulista, no final do século XIX, inúmeras fazendas se estabeleceram ao longo da estrada que ligava Jaú a Araraquara. Ao lado dela, surgiu um novo núcleo populacional, a futura Bocaina, onde se edificou uma capela que se tornaria, mais tarde, sua Igreja Matriz.

Segundo o Pe. Celso Luiz Buscariollo, em matéria publicada no *Jornal de Bocaina* em 23 de maio de 1991, as terras doadas ao padroeiro do novo povoado, São João Batista, para formação do patrimônio inicial, compreendiam as quadras delimitadas pelas ruas Capitão Bento Rangel, Tiradentes, Américo Brasiliense e 13 de Maio, ruas demarcadas em vermelho na Figura 2. O povoado foi elevado à categoria de município em 1891 (FURLANETO, 20[05?], p. 21), num processo de formação urbana semelhante, mas não idêntico ao descrito anteriormente: talvez por ser já uma cidade republicana, a praça da Matriz ou, como é mais conhecida, Jardim Público, mesmo em destaque no traçado é colocada no ponto inferior do patrimônio, enquanto a Câmara Municipal e o Grupo Escolar estão lado a lado, num plano mais elevado.

FIGURA 2

Mapa de Bocaina feito na gestão do prefeito Guilherme Giraldo Ferreira Campanhã (1939-1947), com demarcação do patrimônio religioso em vermelho. Prefeitura de Bocaina. Reprodução fotográfica: Vladimir Benincasa, 2018.



A partir de então, como reflexo do enriquecimento com a lavoura cafeeira, a cidade se desenvolve e atrai os interesses da Companhia Estrada de Ferro do Dourado, que prolonga até ela as linhas do ramal de Bariri; a estação de Bocaina seria inaugurada em junho de 1910. Ao mesmo tempo, cresce a população, e a cidade torna-se mais complexa: são construídos muitos casarões de cafeicultores nas imediações da Matriz; além de casas mais modestas, prédios públicos, sociedades recreativas, edifícios comerciais e de serviços, templos religiosos (inclusive de outras religiões, como o templo presbiteriano, de 1912); ocorre a criação ou melhoria da infraestrutura urbana como o abastecimento de água e a coleta de esgoto, serviços de telefonia e de energia elétrica, pavimentação de ruas etc.

Quanto aos edifícios, tudo era projetado a partir da combinação de elementos de estilos arquitetônicos europeus de épocas diversas, muito valorizados pela elite local, que, segundo Fabris (1993, p. 136), desejava reproduzi-los no Brasil como símbolos de uma nova nação, republicana e moderna. Esse novo arranjo caracteriza a paisagem urbana do centro antigo de Bocaina como típico cenário “ecléctico”, da época dos grandes cafeicultores (Figura 3), percepção que, hoje, é ampliada por sua tranquilidade, se

comparada aos médios e grandes centros urbanos, e, principalmente, pelo olhar “estrangeiro” de visitantes desses locais mais dinâmicos. Sendo um município de pequeno porte, todo esse conjunto arquitetônico-urbanístico histórico preservado de Bocaina ganha mais relevância por ser proporcionalmente equivalente em área aos novos bairros formados, além de ser ainda bastante ocupado e utilizado pela população.

Além dos fatores já mencionados, que destacam o conjunto urbano eclético de Bocaina, sua paisagem é ainda caracterizada pelo baixo gabarito, que não excede os dois pavimentos, o que proporciona equilíbrio de altura entre os edifícios antigos e novos, dando caráter homogêneo à composição geral. Essa inserção da nova cidade em harmonia com o antigo centro reforça a importância dos antigos casarões para a cidade de Bocaina, e mostra certo respeito, mesmo que inconsciente, para com a história construída.

Nessa paisagem, destaca-se como ponto focal a torre da Igreja Matriz (figuras 4 e 5), elemento vertical em meio à horizontalidade predominante na volumetria urbana, visível de muitos pontos, justamente pela cidade manter seu gabarito numa escala ainda bastante humana, sendo apenas a topografia o fator limitante para tal, reforçando o simbolismo que o próprio edifício carrega. Junte-se a isso o seu relógio e o som dos sinos e temos um elemento que, mesmo não sendo visto, se faz lembrar, constantemente, nas horas cheias e nas meias horas, dia após dia...

FIGURA 3

Rua do Núcleo
Histórico de Bocaina.
Vladimir Benincasa,
2011.



Os elementos mencionados compõem, portanto, a paisagem cultural bocainense, fruto do período cafeeiro paulista e de evoluções temporais a partir de então. Como coloca Ribeiro (2007, p. 7), paisagem cultural² é a expressão cuja:

[...] característica fundamental é a ocorrência, em uma fração territorial, do convívio singular entre a natureza, os espaços construídos e ocupados, os modos de produção e as atividades culturais e sociais, numa relação complementar entre si, capaz de estabelecer uma identidade [...].

Essa associação de fatores é marcante em Bocaina. Está presente – numa escala mais abrangente – no conjunto composto pela arquitetura, urbanismo, topografia e interação da população com esses elementos. Também aparece em recortes urbanos mais precisos, como na área central, com a própria Igreja Matriz e os casarões que a circundam, os elementos do jardim (em sua vegetação e demais acessórios como bancos, coretos, caminhos etc.) e o modo de usufruir e expressar tradições nesses espaços que configuram o entorno imediato do objeto de análise.

A cidade construída, como campo de trabalho acumulado, como can-teiro ininterrupto que atravessa os séculos, acrescenta as marcas dos novos tempos ao mesmo tempo em que mantém signos do passado. Ações e movimentos importantes de todas as épocas se cristalizam, se compõem e se sobrepõem. No conjunto dinâmico que é a cidade, os templos católicos, em grande parte, se mantêm, configurando-se como importantes monumentos e, assim como a cidade, contenedores de um acúmulo cultural local (ROSADA, 20[10?], p. 7-8).

Nessa característica de, na medida do possível, manter o caráter harmônico da sobrevivência de um passado repleto de memórias em meio às condicionantes atuais reside o interesse do conjunto da cidade, característica sintetizada na própria Igreja Matriz de Bocaina.

2. Foi em 1992 que a Unesco instituiu “a paisagem cultural como categoria para inscrição de bens na lista de patrimônio mundial, na intenção de se libertar da dicotomia imposta pelos critérios existentes para a inscrição dos bens: naturais ou culturais” (RIBEIRO, 2007, p. 10).

FIGURA 4

Vista da Igreja Matriz de Bocaina inserida em seu contexto, em 1973. Autor desconhecido. Furlaneto (2002, p. 81). Reprodução fotográfica: Maria Helena Gabriel, 2017.

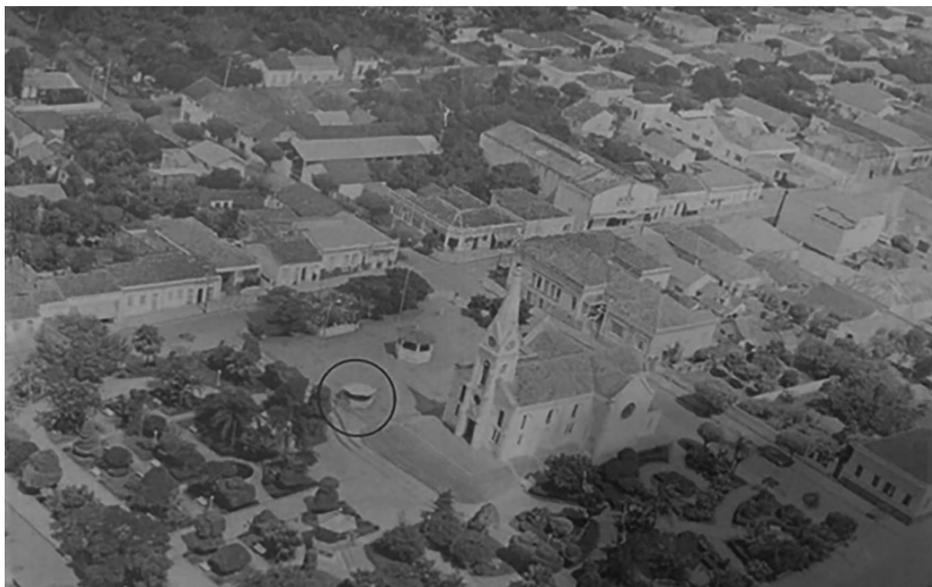


FIGURA 5

Vista da Igreja Matriz de Bocaina e gabarito da cidade a partir da estrada para Araraquara. Vladimir Benincasa, 2018.



3 IDENTIDADE E MEMÓRIA

Os conceitos de identidade e memória fazem parte do entendimento e do sentido de um bem de interesse histórico. Tratando-se de bens arquitetônicos, é sua relevância enquanto espaço de vivências marcantes ou lugares formadores de memórias, geradores do que Halbwachs (1925 apud MATHEUS, 2011, p. 304) chama de “retórica holística”, ou seja, capazes de organizar as grandes narrativas coletivas, que proporciona a consolidação de uma identidade coletiva.

Jöel Candau (2011, p. 131 apud MATHEUS, 2011, p. 306) fala do patrimônio como sendo “menos conteúdo que prática da memória”; assim, histórias do passado se juntam às do presente, e a identidade vai se afirmando ou enfraquecendo.

Assim, a identidade com um bem é tanto maior quanto maior é seu uso. Como diz Silva (2000, p. 219):

[...] o elemento determinante que define o conceito de património é sua capacidade de representar simbolicamente uma identidade. E sendo os símbolos um veículo privilegiado de transmissão cultural, os seres humanos mantêm através destes, estreitos vínculos com o passado.

Mais que a importância da Igreja Matriz de Bocaina como elemento singular na formação da cidade, descrito anteriormente, a cidade tem um perfil católico³ ainda muito forte que afeta sua vida social, o que reforça alguns elementos simbólicos dessa fé associados ao espaço da referida igreja, como a presença de 13 telas de Benedito Calixto em seu acervo e a centenária festa do padroeiro, São João.

Segundo Guedes (1946, p. 7), à época, ostentar obras de Calixto era um privilégio; alie-se a isso, como dito anteriormente, o fato de Bocaina ser uma cidade de pequeno porte, o que torna o conjunto artístico mais significativo, pois na época o pintor negociava com a paróquia de Jaú – uma das mais ricas e importantes cidades paulistas produtoras de café do início do século XX – a execução das telas para ornamentar sua Matriz, que recém-construída se destacava como um dos mais notáveis templos neogóticos da região⁴. Entretanto, após desacordos, os serviços de Calixto direcionaram-se para a cidade vizinha, a pequena Bocaina, e para sua modesta Matriz, se comparada a de Jaú.

Outro elemento cultural de importância para a cidade é a festa de São João, que é realizada ininterruptamente desde 1891. Ocorre todo ano,

3. Pelo censo de 2010 do IBGE, 64% da população de Bocaina se definiu como católica. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/bocaina/pesquisa/23/22107>. Acesso em: 27 out. 2019.

4. A Matriz de Jaú, com projeto de Johann Lorenz Madein, foi inaugurada em 1901, porém sua torre, com quase 60 metros de altura, seria finalizada somente em 1905. À época, seus 48,2 metros de comprimento por 28,9 metros de largura no transepto faziam dela um dos grandes templos neogóticos da região. Apenas para efeito de comparação, a Catedral de São Pedro de Alcântara (projeto de 1884) em Petrópolis, alcança 67 m × 36 m; a Catedral de Nossa Senhora da Boa Viagem (projeto de 1912), em Belo Horizonte, cerca de 54,6 m × 22,7 m; a Catedral de Nossa Senhora da Luz (1893), de Curitiba, cerca de 51,5 m × 24 m.

durante algumas semanas do mês de junho, no jardim da Igreja Matriz, contando com barracas de comidas, parque de diversão, música, com seu ápice no dia do santo, quando se acende a fogueira em sua homenagem. O momento mais aguardado é a passagem dos fiéis sobre as brasas, caminhando descalços. A festividade atrai um público expressivo de toda a região, além de ser um momento, também, de evidência do prédio e da arte da Igreja de São João Batista, que permanece aberta a visitas durante toda a noite e madrugada, entre os dias 23 e 24 de junho.

Durante todo o século XX, o Jardim Público foi um dos pontos mais marcantes da cidade enquanto gerador de memórias. Muitos ainda lembram de quando recebia, em dias certos, uma banda musical. Segundo ata da Câmara de São João da Bocaina, de 07 de agosto de 1909 (apud FURLANETO, 20[05?], p. 38), foi aprovada a indicação nº 13, do vereador Onofre Sampaio, que renovava contrato com a banda musical para que tocasse no Jardim Público duas vezes ao mês e nos dias de festividades, após as missas da Matriz. Atualmente, o ponto de encontro das pessoas mudou-se para a praça de cima (Praça Santa Luzia).

Como lembra Márcia Navegante Gabriel, bocainense de 51 anos, o movimento em sua época de mocidade era todo concentrado no Nosso Clube de Bocaina, situado numa das esquinas do Jardim Público, frequentado por aqueles que eram sócios, e no Jardim Público, onde conversavam, praticava-se o *footing*, em que, segundo João B. Gabriel, andavam as mulheres de um lado e os homens do lado oposto, em uma roda, encontrando-se em determinados momentos. Os ainda não comprometidos andavam no perímetro do Jardim, e os que já namoravam, sentavam-se nos bancos de seu interior ou nos degraus da Igreja (GABRIEL; GABRIEL, 2017).

Nessa época, relatam Marcia N. Gabriel e João B. Gabriel (2017), no prédio ao lado da atual pizzaria Eduarda, na rua Cap. Bento Rangel, havia uma rádio de propriedade de Angelo Galdino de Meneses Sormani, onde os jovens pediam músicas para serem tocadas nos alto-falantes, no programa “Peça e ouça”, de João Martins, às vezes dedicando essas músicas a outras pessoas, momento em que o locutor falava a famosa frase “um alguém oferece para outro alguém e esse alguém já sabe quem”, quando a dedicatória era anônima.

Todos esses relatos se desenvolvem num cenário que tem como pano de fundo a Igreja Matriz de Bocaina, e são formadores de uma memória e identidade coletivas bocainenses. O mesmo ocorre com o seu entorno, marcado fortemente pelo ecletismo, que expressa os costumes e técnicas de uma época, sendo uma manifestação real e palpável do modo de pensar e construir a cidade e sua arquitetura, e que segue presente na memória dos que vivenciaram aqueles tempos e dos que hoje desfrutam seu legado.

4 A IGREJA: COMPOSIÇÃO DO CONJUNTO

As informações a respeito dos primórdios da capela que deu origem à Matriz bocainense são escassas, devido ao fato de se ter perdido o primeiro Livro Tombo, com os registros iniciais do povoado. Segundo o Pe. Mariano Curia, primeiro representante do curato de Bocaina, a capela havia sido finalizada em 1890, anteriormente à sua posse, efetivada em 1893. Logo de início, achou a capela “bastante pequena e desprovida de altares e outros objetos necessários ao culto” (LIVRO TOMBO, 1887-1939, p. 3; FURLANETO, 20[05?], p. 56).

Não foi encontrado registro dessa “capela singela”, mas há uma imagem de 1904 (Figura 6) que a mostra com volumetria prismática simples, planta predominantemente retangular, paredes rebocadas e caiadas (caiação que a foto sugere ser em dois tons). Na fachada, aparece algo que se assemelha a um frontão sustentando um telhado de duas águas; logo abaixo, três janelas que seriam de um provável coro elevado; e ao rés-do-chão, a porta de entrada. Na lateral visível, uma sucessão de seis janelas no mesmo nível do provável coro, o que poderia indicar uma galeria elevada sobre uma “nave lateral”.

FIGURA 6

Capela de Bocaina, em 1904. Autor desconhecido. Acervo do Museu Municipal de Bocaina. Reprodução fotográfica: Maria Helena Gabriel, 2017.



O aspecto interno, aparentemente, seguia esse mesmo aspecto singelo do exterior. Aparentemente, as superfícies eram caiadas de branco pois, numa matéria de um jornal local de 1928, se menciona que, por volta de 1900, Pe. Mariano Curia contratou os serviços do pintor Jacomino para realizar a caiação das paredes internas da igreja, em preparação para as festividades de São João. Nessa ocasião, Jacomino também resolveu pintar a imagem de São Benedito, realizando “uma caiação em regra na imagem [...], deixando-o mais branco do que as próprias paredes da capela” (JORNAL SÃO JOÃO DA BOCAINA, 1928 apud FURLANETO, 20[05?], p. 71). A informação sugere que a caiação aplicada não possuía nenhum pigmento; portanto, ao menos internamente, as paredes deveriam ser brancas. Assim, verifica-se “um antes e um depois” de grande contraste no que se refere à pintura das paredes internas, hoje com elaborada decoração.

Com o passar do tempo, a capela foi adquirindo elementos que iriam compor o aspecto atual da Igreja de São João Batista: foram doados os altares, comprados objetos utilizados nas celebrações, feitas melhorias e reformas arquitetônicas registradas no Livro Tombo da paróquia. A igreja mudava acompanhando o desenvolvimento econômico da cidade, necessitando, em um dado momento, ampliar seu espaço devido ao aumento demográfico, além de ser interessante uma torre simbolizando o *status* da arquitetura sacra. Em 1908, iniciam-se os trabalhos de construção da torre da igreja, finalizados em 1910 (LIVRO TOMBO, 1887-1939, p. 3-4).

No início da década de 1920, o então pároco, Pe. José Maria Soares, inicia os contatos com o pintor Benedito Calixto para que produzisse quadros para a decoração da igreja de Bocaina. Em 1923, o artista chega à cidade a fim de visitar o local destinado para encomendas, que somaram 14 telas sacras — hoje restam 13, devido a um incêndio ocorrido na igreja anos mais tarde (GUEDES, 1946, p. 8-9). Benedito Calixto era um pintor reconhecido, que se popularizou com sua arte sacra realizada na capital e no interior de São Paulo (BORGES, 1999, p. 51), recebendo do Papa Pio XI, pelo conjunto de sua obra sacra, em 1924, a Comenda e Cruz de São Silvestre (POLETINI, 2003, p. 10).

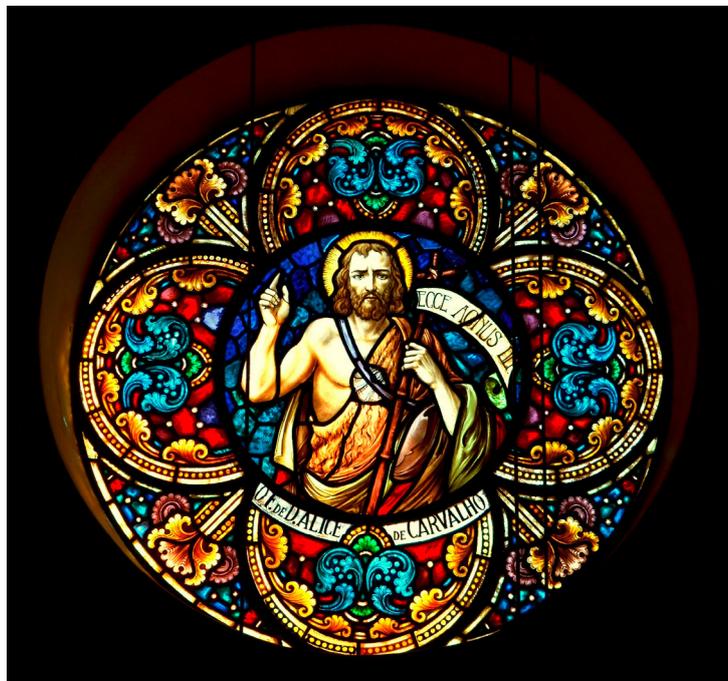
O pintor, além de se ocupar dos serviços das telas, escolheu a disposição de cada uma delas, de acordo com a temática (GUEDES, 1946, p. 19), exigiu algumas mudanças na arquitetura da igreja e pediu a modificação

das colunas e preparação das paredes da Matriz de Bocaina para receber seus quadros (GUEDES, 1946, p. 11). Também solicitou que fosse contratado o artista Bruno Sercelli para realizar as pinturas parietais no interior da igreja (GUEDES, 1946, p. 12), além de participar do desenho dos vitrais da Matriz de Bocaina executados pela Casa Conrado (Figura 7), de São Paulo (MELLO, 1996, p. 57), demonstrando todo seu cuidado com o interior do prédio em geral. Percebe-se que Calixto realizou intervenções tanto na decoração interna quanto na arquitetura da igreja, a fim de formar um conjunto único de composição e harmonia com suas obras.

Todo esse investimento realizado na igreja reflete o desejo da elite cafeeira e de comerciantes da época em demonstrar seu *status*, proveniente em grande parte dos benefícios econômicos trazidos pelo café. Procurava-se os melhores profissionais para a execução dos serviços, investia-se em arte para ornamentar um dos maiores símbolos coletivos da sociedade da época, importavam-se materiais de potências estrangeiras – como o investimento em vitrais da Casa Conrado, cujos vidros eram provenientes geralmente da França, Alemanha, Bélgica e EUA (MELLO, 1996, p. 151). Realizava-se todo um esforço que refletia o prestígio desejado pela elite.

FIGURA 7

Vitral da rosácea frontal, um dos produzidos pela Casa Conrado Sorgenicht para a Matriz de Bocaina. Vladimir Benincasa, 2018.



Poucos anos após a entrega da última tela de Calixto à Matriz bocainense, ocorre um incêndio no altar-mor da igreja em 1929, (LIVRO TOMBO, 1887-1939, p. 57), provocado pelo esquecimento de uma vela acesa atrás do altar, após uma missa, resultando na destruição de uma das 14 telas de Calixto, a que se localizava no teto do presbitério, além de queimar todo o altar-mor de madeira (VILLANOVA, 2017). A tela destruída foi substituída por outra de mesmo tema – alegoria ao Santíssimo Sacramento – executada por Pedrina Calixto, filha de Benedito Calixto (GUEDES, 1946, p. 37); e o altar-mor foi substituído por um de mármore com placas de bronze, feito pela marmoraria Carrara, de Luiz Leonardi, de Araras-SP (Figura 8), doado por D. Luiza Francisco da Silva, em 1944 (LIVRO TOMBO, 1939-1959, p. 18; GUEDES, 1946, p. 37-38).

FIGURA 8
Presbitério da Igreja
Matriz de Bocaina,
vendo-se o novo
altar e, no teto, a
pintura atual. Maria
Helena Gabriel,
2018.



Em 1941, segundo Ferrari (2017), ocorreu a reforma da torre (Figura 9); em 1944 foram também doadas, além do altar-mor, imagens de santos para compor os nichos do altar, os anjos adoradores empunhando castiçais, dentre outras peças (LIVRO DO TOMBO, 1939-1959, p. 18); e, em 1955, foram doados os lustres pelos irmãos Chammas (segundo placa informativa na entrada da igreja). Pouco a pouco foi se construindo o interior da atual Matriz de Bocaina, em uma composição que conta as escalas temporais através de seus objetos e de seu acervo artístico.

FIGURA 9

Reforma da torre da Matriz de Bocaina. Autor desconhecido, 1941. Acervo de Dinorah D. Ferrari, fornecida por Junior Ferrari. Reprodução fotográfica: Maria Helena Gabriel, 2017.



Os registros encontrados relatam poucas reformas em escala mais ampla, sendo mais frequente pequenas intervenções e reparos. Após a construção da torre em 1941, segundo informações a que se teve acesso, nova reforma ocorreu em 1969, que ocasionou a queda de um dos lustres principais – o mais próximo do altar (VERDIANI; VERDIANI, 2018). No período entre 1977 e 1980 foi realizada a maior reforma no prédio da igreja desde a construção da torre, patrocinada pela família Atalla (BORGES, 2017), e durante esses anos foram retiradas as balaustradas de madeira que protegiam os altares laterais (SAHM, 2017).

Em 1984, para substituir a simples mesa de ferro do altar pós-conciliar, Gervásio Verdiani, marceneiro muito reconhecido em Bocaina, produziu uma mesa em madeira de cerejeira (Figura 10), inspirada em uma mesa francesa do século XVIII, vista em fotografia de revista, doada por ele e sua esposa, Amélia Bellini Verdiani, à Igreja Matriz de Bocaina (VERDIANI; VERDIANI, 2018).

Seguindo com os eventos que contribuíram para a composição dos elementos da igreja, houve um pároco, cônego José Mendes de Abreu Jr., que permaneceu na cidade por mais de 40 anos – com pequeno período entre suas duas passagens pela cidade – muito querido pela população da cidade, carinho este que era recíproco. Em 1991, 26 anos após sua morte, ocorreu a cerimônia de traslado de seus restos mortais para sob o altar pré-conciliar da Igreja de São João Batista, segundo matéria publicada na edição do centenário da cidade pelo *Jornal de Bocaina* (A HISTÓRIA..., 1991, p. 4).

FIGURA 10

Mesa doada por Gervásio e Amélia Verdiani. Autor desconhecido. Acervo de Lia e Jorge Verdiani (s/d). Reprodução fotográfica: Maria Helena Gabriel, 2017.



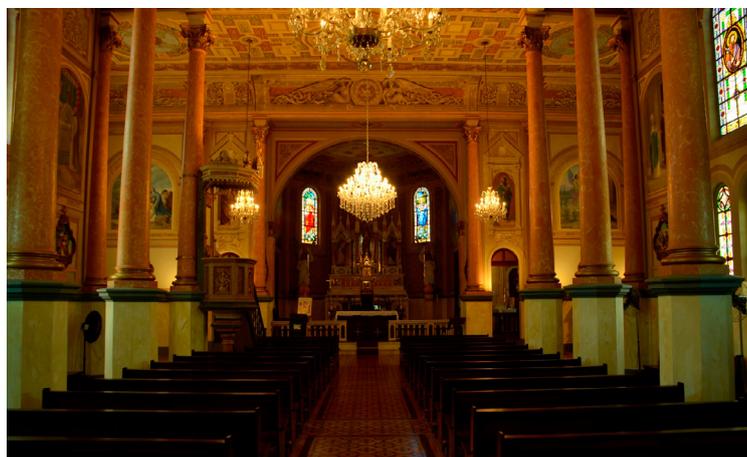
Outro elemento importante que compõe o cenário da igreja é o altar da capela do Santíssimo Sacramento, cuja aquisição se deu quando o Pe. Celso Luiz Buscariolo – pároco de Bocaina de 1986 a 2000 – visitava a fazenda da Taboca, em Bocaina. Ao tomar conhecimento de que os proprietários iriam se desfazer do altar da capela ali existente, que passava por uma grande reforma, o padre o adquiriu, reformou e o levou à Matriz bocainense (SAHM, 2017).

Sabe-se que ao longo do tempo os templos católicos foram sofrendo alterações de acordo com a liturgia e a teologia vigentes e as mudanças necessárias de usos dos espaços para os ritos. Uma marca desse tempo é a balaustrada que separa o espaço do presbitério do corpo da igreja, elemento que surgiu no Renascimento e se consolidou no barroco (ANSON, 1969, p. 972-973; KOCH, 1996, p. 128-129). A estrutura da igreja bocainense data do fim do século XIX, o que conforma um espaço típico das igrejas anteriores à reforma do Concílio Vaticano II, e por esse motivo há a presença tanto da balaustrada como elemento de separação entre presbitério e assistência, como também do altar-mor, ao fundo do presbitério (BORGES, 2017).

Esse percurso por algumas reformas e aquisições pelas quais passou a Igreja de São João Batista permite uma compreensão espacial de todo seu conjunto (Figura 11), e uma ideia de que todos os elementos (altares, mesas, lustres, colunas, divisões, quadros, ornamentos etc.) representam memórias da sociedade bocainense, especialmente por muitas dessas realizações serem doações, compondo um ambiente único e cheio de significados à população da cidade. Por trás de cada um desses elementos, as pequenas histórias, lembradas pelos bocainenses, compõem sua singularidade.

FIGURA 11

Interior da Matriz de Bocaina. Vladimir Benincasa, 2018.



A respeito da Igreja de São João Batista, como dito anteriormente, muitos registros se perderam e os que restam encontram-se dispersos. Alguns documentos estão sob os cuidados do Arquivo Diocesano de São Carlos, como os dois Livros Tombos já finalizados, jornais e um conjunto de desenhos arquitetônicos da igreja intitulados Planta de Conservação, confeccionados para formar um registro que serviu para a regularização do prédio. Outras fontes referentes à igreja encontram-se em posse de particulares, outras no acervo do Museu Municipal de Bocaina. Pouca informação está sob os cuidados da Secretaria Paroquial. Mesmo assim, a memória sobre a igreja é uma das fontes bem preservadas na cultura bocainense, apesar de muitas dessas informações aqui registradas estarem se perdendo entre as novas gerações e, às vezes, não serem de conhecimento público. O incentivo à recuperação, registro e repasse de informações é um importante ponto de atenção, como modo de preservar essas memórias e evitar que sejam perdidas.

Além dos registros encontrados, um meio importante de preservação de bens e memórias é o instrumento do tombamento, idealizado justamente para promover a preservação de bens relevantes para uma identidade coletiva, nas mais diversas escalas de abrangência: mundial, nacional, regional ou local. Essa ferramenta foi aplicada em escala estadual a todo o conjunto de obras de Benedito Calixto dispersas por vários municípios, a saber: Amparo, Atibaia, Bocaina, Catanduva, Santos, São Carlos, São Paulo, Ribeirão Preto, como consta na Lista de Bens Tombados em Ordem Alfabética por Município, disponibilizada pela Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, atualizada em 2015. Esse tombamento foi realizado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo (Condephaat) em 1969, através do processo nº 13996/69 (SÃO PAULO, 2015b). As telas de Calixto são os únicos elementos tombados da Igreja de São João Batista.

Não sendo todo e qualquer bem passível de tombamento, a motivação para tal associa-se à consciência da existência e importância de um patrimônio, que advém de “uma escolha cultural subjacente à vontade de legar o patrimônio cultural a gerações futuras” (SILVA, 2000, p. 218). Voltando-se à escala da cidade, para proporcionar uma noção comparativa, no caso do conjunto arquitetônico de Bocaina com características históricas, apenas o prédio da Escola Municipal de Ensino Fundamental Dep. Leônidas Pacheco

Ferreira foi tombado pelo Condephaat, em 2010, pelo processo nº 24929/86. Os casarões e templos bocainenses encontram-se sob cuidados apenas dos proprietários, sem a proteção de órgãos patrimoniais. É importante ressaltar que a cidade de Bocaina não possui, até o momento, um órgão municipal responsável pelo tombamento de bens em escala local, e por esse motivo a questão se direciona para o processo em âmbito estadual.

Essa situação abre espaço para a discussão sobre a importância dada às manifestações arquitetônicas ecléticas, que muitas vezes são entendidas como inferiores às manifestações do período colonial (REIS FILHO, 2006), e por isso não concentram os investimentos públicos destinados à proteção patrimonial, fazendo com que

[...] um número muito grande de edifícios e obras artísticas em geral, de grande importância regional, mas de valor relativo no plano nacional [...] [sejam] condenado[s] ao abandono, à destruição ou à descaracterização. Mesmo manifestações culturais de interesse nacional, como as que se referem à história do café e à origem da industrialização no Brasil – ambas ocorrendo em boa parte do estado de São Paulo – estão desaparecendo rapidamente, pois as ocorrências dos séculos coloniais tendem a ser mais valorizadas do que aquelas (REIS FILHO, 2006, p. 192-194).

No mesmo ano em que se efetivou o tombamento do conjunto de telas de Calixto, foi feito o pedido de tombamento da Igreja Matriz de Bocaina ao Condephaat⁵. Em documento disponibilizado pelo Condephaat constam as deliberações de sessão ocorrida em novembro de 2012, ata nº 1689, que inclui a deliberação sobre o pedido de tombamento da Igreja de São João Batista – processo nº 01042/2010 –, onde fica aprovado o parecer a favor da abertura de estudo de tombamento da referida igreja, além da indicação de abertura de estudo de tombamento do Núcleo Histórico de Bocaina (SÃO PAULO, 2012). Nessa época, entre 2009 e 2011, foram analisados (ou revistos) os pedidos de tombamento que envolviam várias igrejas no estado, pedidos que abrangiam o período de 1969 a 2011, momento em que se deu a avaliação da solicitação bocainense de 1969. Ambos os processos seguem em tramitação no Condephaat, e a Igreja Matriz e o Núcleo Histórico de Bocaina continuam sem qualquer proteção legal.

5. Informação obtida através do jornal virtual JCNET, de Bauru e região. Disponível em: <https://www.jcnet.com.br/noticias/regional/2018/10/534805-bocaina-busca-ha-40-anos-tombamento-de-igreja.html>. Acesso em: 10 dez. 2019.

Além do aumento da possibilidade de receber algum respaldo financeiro através das leis de incentivo à conservação patrimonial, como a Lei Rouanet, e de contar com um acompanhamento de profissionais capacitados lotados em órgãos públicos, no caso de uma intervenção para conservação de bens nessa condição, um patrimônio tombado desperta maior atenção para si, tanto turística – potencializando essa atividade – quanto da população que convive com esse bem. Isso promove esforços para sua conservação, evidenciando aos olhos das pessoas a importância que determinado patrimônio carrega. É notável o cuidado com que as telas de Calixto abrigadas na igreja bocainense são tratadas, passando por um processo de restauro na reforma patrocinada pela família Atalla, realizado por Renato Magalhães Gouveia, do Escritório de Arte, e pelo segundo restauro (Figura 12), entre 2007 e 2009, realizado pelo Ateliê Raul Carvalho. Neste último, seis telas foram patrocinadas pela OHL-Centrovias, por meio da Lei Rouanet, e as restantes patrocinadas por empresários particulares (POLETINI, 2003, p. 48).

FIGURA 12

Equipe do Ateliê
Raul Carvalho
restaurando as telas
de Calixto. Autor
desconhecido.
Relatório Parcial de
Restauro – Ateliê
Raul Carvalho.
Reprodução
fotográfica: Maria
Helena Gabriel,
2018.



O que se pretende evidenciar com essa exposição de fatos e análises é a importância de tombamento da Igreja de São João Batista, que ao longo das décadas, sendo um prédio centenário, necessitou de reformas, manutenções, que muitas vezes foram executadas possivelmente sem considerar as devidas técnicas a serem empregadas para a manutenção de seu caráter histórico íntegro. Como exemplo, cita-se o período em que a igreja passou por problemas de infiltração. Nesse momento, foram colocadas placas de madeirite sobre o estuque do forro, a fim de impedir que a água danificasse as pinturas contidas em sua parte inferior, voltada para o interior da igreja. Entretanto, para corrigir as manchas de infiltração causadas em algumas paredes, executou-se uma pintura lisa, que cobriu parcialmente as pinturas parietais originais e que faziam parte do plano de decoração de Benedito Calixto (Figuras 13 e 14).

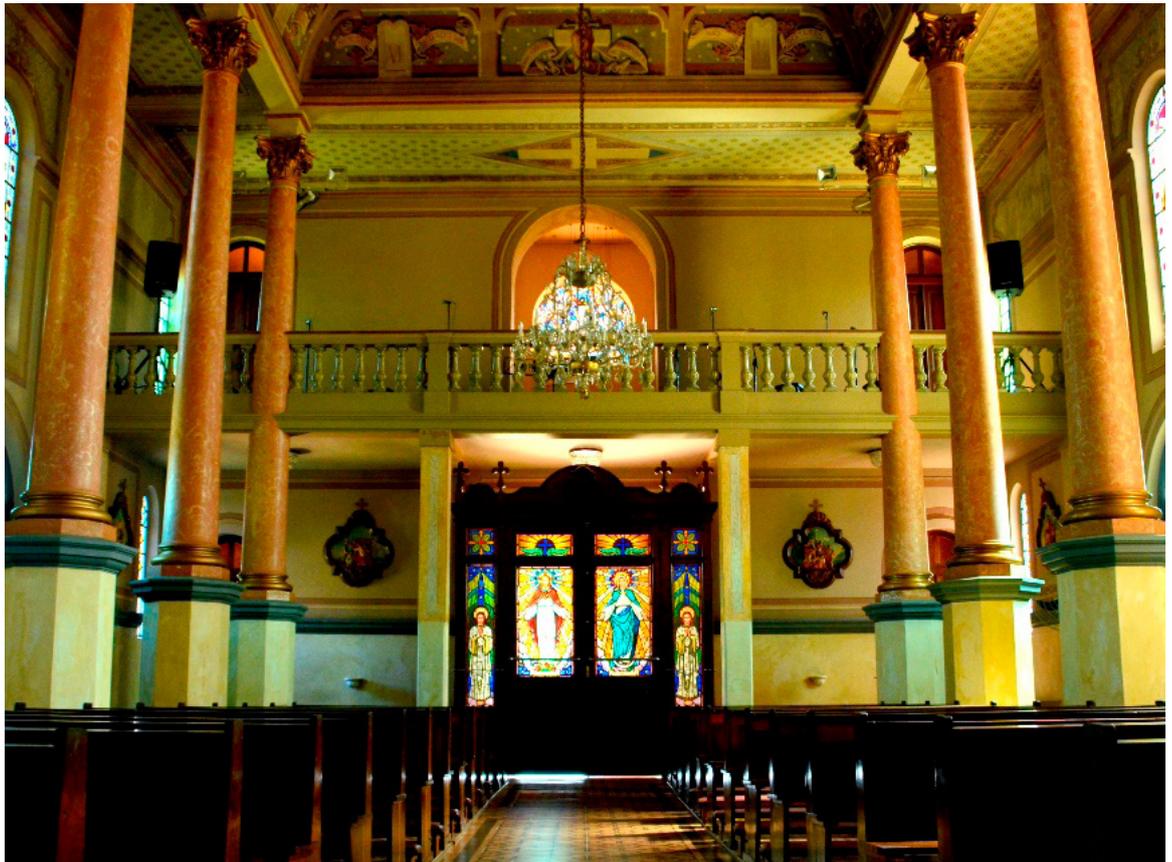
FIGURA 13

Pintura parietal seriada ao fundo, não mais existente. Autor desconhecido. Acervo do Museu Municipal de Bocaina. Reprodução fotográfica: Maria Helena Gabriel, 2018.



Portanto, fica clara a necessidade de intervenções com base em um estudo prévio da situação e características dos materiais, realizado por especialistas, a fim de evitar que o conjunto da igreja seja descaracterizado com o tempo. Considerando o que foi exposto nesse texto a respeito dos caminhos seguidos para a configuração da igreja e considerando, também, o tombamento das telas de Calixto, reforça-se a indicação de tombamento da Matriz bocainense, pois toda sua composição – espacialidade e ornamentação – foi executada sob as diretrizes do pintor, para que o cenário estivesse em harmonia com suas obras, ou seja, toda a igreja, todos os seus detalhes representam uma extensão das telas de Benedito Calixto, portanto deve-se considerá-las inseridas em um contexto. Descaracterizar uma das partes é perder o significado do conjunto.

FIGURA 14
Pintura lisa nas
paredes ao fundo.
Vladimir Benincasa,
2018.



Entretanto, além da falta de um aceite do órgão de tombamento, há uma resistência em dedicar iniciativa e empenho no processo de tombamento a Igreja Matriz de Bocaina atualmente, devido aos receios pautados na possível falta de verba para futuras manutenções e na dependência da aprovação do órgão patrimonial para liberar qualquer intervenção que seja necessária no bem tombado. Entretanto, a exemplo do restauro das telas, podem-se buscar investimentos que se complementem, que vão além da Lei Rouanet, pois o bem, estando sob a guarda de tombamento, naturalmente atrai a atenção das pessoas com maior facilidade, pois evidencia que para chegar a esse estágio foi necessário passar por um filtro de especialistas que analisaram o patrimônio e comprovaram sua importância no que tange a sua representatividade histórica.

Além disso, um bem histórico que não se encontra sob a guarda das leis patrimoniais está sujeito a todo tipo de intervenção que considerarem viável os que são responsáveis por ele, podendo causar descaracterizações – intencionais ou não – que levam consigo parte da memória representada pelo conjunto do patrimônio.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio às rápidas mudanças atuais, em que tudo adquire um caráter efêmero, alguns representantes, não só de passados distantes, mas também aqueles carregados de memórias formadoras da identidade de um local, devem permanecer e se fazerem úteis à contemporaneidade. São portadores das narrativas passadas e, assim, contribuem para que elas não desapareçam; por outro lado, ajudam a construir as narrativas presentes e futuras. Narrativas que se relacionam estreitamente, uma não menos importante que a outra: ambas, porém, fundamentais para que compreendamos o presente e organizemos possibilidades futuras.

É indiscutível para os bocainenses o simbolismo que carrega a Igreja de São João Batista por seu caráter histórico, sintetizando a história da cidade; por ser o principal templo católico local e por isso ter presença marcante em episódios importantes na vida de muitos moradores (batizados, casamentos, primeira comunhão etc.); ou por sua presença física destacada no âmbito urbano. Entretanto, para maior compreensão e tratamento de seu conjunto enquanto patrimônio histórico, é fundamental levar a população a ter consciência

da importância do prédio nessas dimensões; da necessidade de se preservar suas características essenciais que conferem esse sentimento de identidade; de intervir para sua manutenção de maneira cuidadosa, com estudo prévio desenvolvido, para não descaracterizar o conjunto de forma a perder a unidade.

Desse modo, destaca-se a relevância da análise e da discussão sobre a preservação desse bem arquitetônico, respaldada em seu significado para a sociedade e na importância de manter viva a história local, entendida como parte de um processo muito maior, qual seja, a história da cafeicultura paulista e seus desdobramentos. O tombamento, hoje, ainda é um dos melhores meios para que tal preservação se efetive. Quanto ao aspecto físico, não podemos esquecer que, ao longo dos anos, a igreja necessitou de manutenções e, em algum momento, perdeu parte de sua decoração parietal, fruto de intervenção inadequada. O instrumento do tombamento poderia, nesse sentido, dar suporte, seja técnico, via profissionais capacitados, seja facilitando a captação dos recursos necessários à realização de um bom projeto, que resultaria numa boa obra de conservação futura.

REFERÊNCIAS

A HISTÓRIA da Paróquia de São João Batista se confunde com a história da cidade. *Jornal de Bocaina*, Bocaina, edição do centenário, p. 3-5, 23 maio 1991.

ANSON, Peter. F. *A construção de Igrejas*. Rio de Janeiro: Renes, 1969. (Nova Enciclopédia da Igreja Católica, v. 10).

BORGES, Maria Elizia. *A pintura na capital do café: sua história e evolução no período da primeira república*. Franca: UNESP, Franca, 1999.

BORGES, Paulo. H. [Entrevista cedida a] Maria Helena Gabriel. *Bocaina*, 31 ago. 2017.

FERRARI, Junior. [Entrevista cedida a] Maria Helena Gabriel. *Bocaina*, 16 out. 2017.

FABRIS, Annateresa. O ecletismo à luz do modernismo. In: FABRIS, Annateresa (org.). *Ecletismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: Edusp, 1987. p. 280-296.

FABRIS, Annateresa. Arquitetura eclética no Brasil: o cenário da modernização. *Anais do Museu Paulista*, nova série, n. 1, p. 131-143, 1993. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/anaismp/v1n1/a11v1n1>. Acesso em: 28 jul. 18.

FABRIS, Annateresa. A crítica modernista à cultura do ecletismo. *Revista de Italianística*, v. 3, n. 3, p. 73-84, 1995. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-8281.v3i3p73-84>. Acesso em: 8 mar. 2019.

FURLANETO, Walmir. *Uma cidade e um pouco de sua história*. Barra Bonita: Texgraf, 2002. v. 1.

- FURLANETO, Walmir. *Uma cidade e um pouco de sua história*. Bocaina, 20[05?]. v. 2.
- GABRIEL Marcia N.; GABRIEL, João Batista. [Entrevista cedida a] Maria Helena Gabriel. Bocaina, 29 ago. 2017.
- GHIRARDELLO, Nilson. *A formação dos patrimônios religiosos no processo de expansão urbana paulista*. São Paulo: Unesp, 2010.
- GUEDES, Emmanuel. *A arte de Benedito Calixto: notas dispersas, à margem dos catorze quadros do mestre, existentes na matriz de São João da Bocaina*. São Paulo: EGRT, 1946.
- KOCH, Wilfried. *Estilos de arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- LEMOS, Carlos. A. C. Ecletismo em São Paulo. In: FABRIS, Annateresa (org.). *Ecletismo na arquitetura brasileira*. São Paulo: Edusp, 1987. p. 69-104.
- LIMA JUNIOR, Márcio Antônio de. *O traço moderno na arquitetura religiosa paulista*. 2016. Dissertação (Mestrado em História e Fundamentos da Arquitetura e do Urbanismo) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- LIVRO TOMBO da Paróquia de Bocaina. Bocaina, 1887-1939, n. 1.
- LIVRO TOMBO da Paróquia de Bocaina. Bocaina, 1939-1959, n. 2.
- MARX, Murillo. *Cidade no Brasil: terra de quem?* São Paulo: Nobel: Edusp, 1991.
- MATHEUS, Leticia Cantarela. Memória e identidade segundo Candau. *Revista Galáxia*, São Paulo, n. 22, p. 302-306, 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/6737/6073>. Acesso em: 26 jun. 2019.
- MELLO, Regina Lara S. *Casa Conrado: cem anos do vitral brasileiro*. 1996. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1996. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/284311/1/Mello_ReginaLaraSilveira_M.pdf. Acesso em: 26 jul. 2018.
- PADROADO. In: HISTEDBR: Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”. Campinas: Unicamp, 2006. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_padroado2.htm. Acesso em 27/10/2019.
- POLETINI, Moises. *Um estudo das obras sacras de Benedito Calixto*. 2003. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/278657>. Acesso em: 21 jul. 2018.
- RABELLO, Sonia. *O Estado na preservação dos bens culturais: o tombamento*. Rio de Janeiro: Iphan, 2009.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. *Quadro da arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- REVISTA MOVIMENTO VIVACE. Ribeirão Preto, ano 1, n. 11, 2009.
- RIBEIRO, Rafael W. *Paisagem cultural e patrimônio*. Rio de Janeiro: Iphan/Copedoc, 2007.

ROSADA, Mateus. *A cidade e a igreja*. 20[10?]. Monografia (Disciplina de Pós-Graduação em Arquitetura e Cidade) – Departamento de Arquitetura e Urbanismo, Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Paulo, 20[10?]. Disponível em: https://www.academia.edu/7587726/A_Cidade_e_a_Igreja. Acesso em: 21 jul. 2018.

SAHM, Mirna F. [Entrevista cedida a] Maria Helena Gabriel. Bocaina, 30 ago. /2017.

SÃO PAULO (Estado). Condephaat. Deliberações do Colegiado em Sessão Ordinária de 26 nov. 2012. *Diário Oficial do Estado*: seção 1, São Paulo, p. 44, 1º dez. 2012. Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/DOE011212NotificacaodeAPTObrasdoArtigasPDF_1418829413.pdf. Acesso em: 25 fev. 2017.

SÃO PAULO (Estado). Condephaat. *Lista de bens tombados (em ordem cronológica dos tombamentos)*: atualizado até dezembro/2015. São Paulo, 2015a. Disponível: http://vgnweb.publica.sp.gov.br/StaticFiles/SEC/Condephaat/Bens%20Tombados/at%C3%A9%20dez.14_CRONOL%C3%93GICA.pdf. Acesso em: 4 jan. 2017.

SÃO PAULO (Estado). Condephaat. *Lista de bens tombados em ordem alfabética por município*: atualizada até dezembro/2015. São Paulo, 2015b. Disponível em: http://vgnweb.publica.sp.gov.br/StaticFiles/SEC/Condephaat/Bens%20Tombados/at%C3%A9%20dez.14_ALFAB%C3%89TICA.pdf. Acesso em: 4 jan. 2017.

SÃO PAULO (Estado). Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. Projeto de Lei nº 316/2017. Classifica Bocaina como município de interesse turístico. *Diário da Assembleia*, p.14, 13 maio 2017a. Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/propositura/?id=1000039362>. Acesso em: 23 jul. 2018.

SÃO PAULO (Estado). Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo. *Anexo de 16/03/2018 do Projeto de Lei nº 316/2017*. São Paulo, 2017b. (Íntegra atualizada do Projeto de Lei nº 316/2017 enviado à Sec. de Turismo). Disponível em: https://www.al.sp.gov.br/spl/2018/03/Acessorio/1000199120_1000162309_Acessorio.pdf. Acesso em: 23 jul. 2018.

SILVA, Elsa Peralta da. Patrimônio e identidade: os desafios do turismo cultural. *Revista Antropológicas*, Lisboa, n. 4, p. 217-224, 2000.

VERDIANI, Lia; VERDIANI, Jorge. [Entrevista cedida a] Maria Helena Gabriel. Bocaina, 23 fev. 2018.

VILLANOVA, Luiz V. [Entrevista cedida a] Maria Helena Gabriel. Bocaina, 27 ago. 2017.